



COMPREENSÕES ACERCA DO SER E FAZER DOCENTE¹

Liége De Jesus da Silva², Gian Eligio Soliman Ruschel³, Diego Felipe Portolann⁴, Vânia Lisa Fischer Cossetin⁵

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina Docência na Educação Superior do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da Unijuí no ano de 2023.

² Estudante do curso de Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí. Bolsista CAPES/PROSUC.

³ Estudante do curso de Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí. Bolsista CAPES/PROSUC.

⁴ Psicólogo, Especialista em Psicologia Clínica pela Unijuí.

⁵ Orientadora. Doutora em Filosofia (PUCRS)

INTRODUÇÃO

Espera-se a concordância acerca da extrema importância e responsabilidade do fazer do professor para com a sociedade. Entretanto, estes pontos são realmente óbvios? Este escrito é um esforço de referir, organizar e refletir sobre o ser e o fazer docente. Quando se fala de educar, volta-se sempre à mesma questão: “por que e para que se educa?” (COSSETIN, 2021, p. 05). Essa pergunta deve ser sempre refeita, lembrando que fala da própria razão de ser da escola, e a resposta para ela “[...] precisa ser sempre dada, nunca sem admitir sua parcialidade e provisoriedade, mas, insisto, sempre dada” (2021, p. 05). Chega-se assim em um ponto crucial: não se trata apenas dos questionamentos e das possíveis incertezas atreladas a eles, mas, no mundo de adultos e educadores, de trazer respostas e perspectiva, alguma ideia mínima como direção.

Sustentando-se nas contribuições de Hannah Arendt (2019), enfatiza-se como um dos fundamentos da tarefa educacional formar as novas gerações com vistas a constituir mundo comum, apresentar o mundo aos recém chegados para que os novos possam a ele se vincularem e, posteriormente, assumirem a sua responsabilidade para com ele, conservando o mundo.

Diante do exposto, este trabalho se compromete com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), no que concerne à “Educação de Qualidade”.

METODOLOGIA

Trata-se de um percurso reflexivo acerca da construção do ser docente, com base na interlocução com autores do campo filosófico e psicanalítico. Este escrito se baseia em pesquisa de revisão bibliográfica com aporte crítico-hermenêutico.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Freud (2011) aborda o educar como uma das profissões impossíveis. Ao mesmo tempo em que define o objetivo desse trabalho como algo que visa “estimular e proteger de equívocos a criança, em seu caminho até a maturidade” (2011, p. 347). Sobre o impossível desta profissão Freud afirma:

Minha contribuição pessoal nessa aplicação da psicanálise foi bastante pequena. Bem no início adotei o gracejo segundo o qual as três profissões impossíveis são educar, curar e governar, e já era suficientemente tomado pela segunda dessas tarefas. Mas nem por isso desconheço o alto valor social que o trabalho de meus colegas pedagogos pode reivindicar. (2011, p. 237)

A partir disto, entende-se que o impossível que Freud atribui à tarefa de educar, diz respeito às garantias envolvidas na mesma. O impossível acena para a impossibilidade de se moldar totalmente um sujeito, educá-lo em concordância exata com o ideal esperado e que não admite falhas nessa empresa. Existirá sempre algo que diz respeito à subjetividade do sujeito em formação que não se deixará controlar nem prever. Mais uma vez, trata-se de uma aposta. Bouffleuer nos apresenta elementos envolvidos no caráter impossível do educar:

Podemos referir esse entendimento como sendo a “equação impossível” que a educação nos apresenta. Impossível por ter de incluir três variáveis: (a) o educador, que ainda está se fazendo; (b) o educando, que se encontra diante de inúmeras possibilidades de fazer-se; (c) o humano, como o sentido a ser buscado, em cada época e cada novo contexto, mas jamais definido de vez. (2023, p.61)

Estas três variáveis indicam que o professor, enquanto sujeito humano também está em constante formação, nunca estará pronto, finalizado, tendo encerrado sua capacidade de se modificar. O fazer do professor lhe permite inúmeras possibilidades de escolha e não vem com um manual a lhe permitir antecipar, de antemão, suas escolhas e ações. E toda a dialética educacional está presente em um contexto, cultura e tempo determinado, que é outro elemento que altera seu fazer. Enquanto educa, o educador revisa seus conhecimentos e a si mesmo, assim como, também aprende.

Para Masschelein e Simons (2022), o fazer docente não pode ser equiparado aos demais trabalhos profissionais. Eles afirmam que:

Um professor é alguém que não tem claramente delineada a “tarefa” da mesma forma como faz um profissional”. Por outro lado, o professor é alguém que se coloca a serviço de um assunto ou uma tarefa. Ele não os vê principalmente como algo a ser explorado para o ganho financeiro, nem como “seu” assunto ou “sua” tarefa, principalmente porque é o assunto ou a tarefa que o cativam e apaixonam. (2022, p. 134)



Diferenciação que torna ainda mais desafiador definir que lugar é este do professor. Já que não é o mesmo lugar do profissional que vai priorizar a técnica, como o engenheiro por exemplo. O lugar de professor é outro, um lugar “público” e que exige uma posição ética. Quando o engenheiro abandona seu fazer técnico para lecionar, ele passa a ter outro lugar em relação ao seu saber e ocupa uma nova posição em relação a sua tarefa.

O professor se ocupa dos “assuntos”, ele tem conteúdos que precisa apresentar em um determinado espaço de tempo e planejado para determinada faixa etária ou etapa escolar. Todavia, ao mesmo tempo, se ocupa de educar. Educa enquanto ensina e ensina enquanto educa. Aqui despertamos uma questão que gera contradições, a saber, se é papel do professor educar crianças ou se é algo que compete apenas aos pais. A resposta é sim, porque mesmo não intencionando o professor sempre estará educando.

Outro aspecto a ser destacado é quanto ao compromisso do professor com o conhecimento e a “disciplina intelectual”, ideia fortemente trabalhada por Fensterseifer (2020). A disciplina intelectual aplica-se tanto à formação do professor, ou autoformação, quanto à formação das novas gerações. A tarefa de formar implica em desagradar, em frustrar e disciplinar quase forçosamente estes sujeitos e a si mesmo. Isso exige coragem por parte do educador. Seria a “a arte que se encontra sempre em algum ponto entre o ‘abandonar’ e o ‘sufocar’ as novas gerações” (FENSTERSEIFER, 2020, p. 78).

Fensterseifer (2020) aponta par algumas características próprias do fazer docente no mundo contemporâneo: (a) é envolver-se em uma tarefa impossível; (b) é fazer enfrentamentos; (c) é não perder a esperança; (d) é se tornar supérfluo; (e) é ser capaz de projeto pedagógico próprio; (f) é ter algo a professar. Sobre a primeira delas, já foi anunciado anteriormente, mas cabe acrescentar a afirmação de Kant em que “a educação é o maior e mais árduo problema que pode ser proposto aos homens” (1999, p. 20).

A segunda característica elencada por Fensterseifer (2020), refere-se ao enfrentamento do “princípio do prazer”, conceito freudiano (1911) que, muitas vezes, implica em confrontar o sujeito com certos limites necessários à sua própria subjetivação. A terceira característica, por sua vez, refere-se à capacidade de persistência e otimismo necessária ao professor, enquanto a quarta característica implica na “vocaçao suicida” do professor, ou seja, na consideração de que o êxito da sua tarefa consiste em tornar-se desnecessário. A quinta característica proposta pelo autor concerne à capacidade de articular teoria e prática, intervindo no contexto em que está



inserido, não sendo um mero repetidor de receitas prontas e a última, tem a ver com a condição de possuir um saber que não está acessível para todos, sendo necessário que o professor acredite no que professa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descrever como se transformam estas apostas e fundamentos em fazer docente e o que está em jogo no processo de se tornar um professor, não é uma tarefa simples. Entende-se, por isso, muito significativo a ideia de “aposta” que foi salientada, dado o fato de o processo formativo humano ser sem garantias e manuais. Como Biesta (2016) descreve, trata-se simplesmente de um risco.

Do ato de apostar na tarefa educativa e de correr os riscos inerentes, verifica-se a capacidade de apostar no futuro e apostar na humanidade. Contíguo à essa capacidade, revela-se também o desejo pelo mesmo, de formar humanos e conhecer humanos, mesmo em contextos pouco esperançosos. Novamente apoiando-se nas concepções arendtianas, faz-se primordial o desejo de se ocupar das crianças e se ocupar do mundo. Psicanaliticamente pensando, a tarefa educativa deve se dar pelo desejo dos adultos para com as crianças e o mundo, não se ancorando, por exemplo, nos interesses prévios das novas gerações sobre um mundo que ainda não lhes foi dado.

Os efeitos da educação, a elaboração das experiências que se têm enquanto educados, assim como, colher os frutos deste investimento, serão constatados sempre *a posteriori*. É somente com a maturidade que reconhecemos esta importância e podemos visualizá-la. Muitas vezes se tem um mestre como referência, até mesmo para o próprio fazer docente, inspirando-se em um docente que tivemos e fez parte da trajetória. Mas este reconhecimento se dará sempre mais tarde.

Cabe advertir sobre o que pode ser entendido como um fazer docente de qualidade, ou educação de qualidade, como pretende cumprir o quarto item dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Ser professor parece estar relacionado com diversos outros fatores além do que diz respeito ao conhecimento da disciplina e treinamento para repassar o mesmo. São aspectos que se relacionam com a impossibilidade, com a fragilidade das certezas e com a limitação da figura do professor que, ao mesmo tempo, é de uma presença fundamental e de uma insuficiência constitutiva.



Palavras-chave: Educação. Docência. Formação. .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 2ª ed. São Paulo: Paz & Terra 2020.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 8ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2019.

BOUFLEUER, José Pedro. **Docência na educação superior: texto-base**. UNIJUÍ, 2023.

COSSETIN, V. L. F. **Moral Asepsis in Education**. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 35, n. 73, p. 393–422, 2021. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v35n73a2021-54953. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/54953>. Acesso em: 22 jul. 2024.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **A tarefa educacional na especificidade da escola**. Ijuí: Ed Unijui, 2020.

FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, Sigmund. **Moisés e o Monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução Francisco Cock Fontanella. 2 ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Introdução de Emmanuel Carneiro Leão - 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2021

MASSCHELEIN, Jan. SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Tradução Cristina Antunes. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.